

Tudo pelo presidente

Ministros vão a inaugurações no Rio e em Brasília

ANDRÉ LACERDA
E LUCIANA NUNES LEAL

Na impossibilidade de o presidente-candidato Fernando Henrique Cardoso estar em mais de um lugar ao mesmo tempo, seus ministros entraram em ação. Raimundo Brito, de Minas e Energia, e Paulo Renato, da Educação, participaram ontem de animadas festas de inauguração, que só não foram completamente eleitorais porque não tinham panfletos e cartazes de candidatos, ainda proibidos pela Lei Eleitoral.

Raimundo Brito fez às vezes de garoto-propaganda do presidente, na inauguração da subestação de transmissão de energia elétrica de Samambaia, na periferia de Brasília. O ministro listou as obras do setor que o governo federal concluiu nos últimos 15 dias – foram três, além da retomada de outras três –, disse que “a energia traz mais empregos”, e completou: “Nós, brasileiros, precisamos entender que, se continuarmos com nossa atual união, seremos capazes de vencer todas as dificuldades.” Além de fazer discurso, Raimundo Britto acompanhou o candidato do PSDB ao governo do Distrito Federal, José Roberto Arruda. O presidente de Furnas, Luís Laércio Machado, reforçou o tom governista: “O Brasil avança, sem ouvir os apelos de pessimistas.”

Mistura – A cerimônia deu uma idéia da mistura que será presenciada nos palanques, ao longo da campanha. Arruda estava acompanhado do deputado federal Augusto Carvalho (PPS-DF), candidato a senador na chapa tucana. Junto deles também estava o empresário e ex-deputado do PFL Paulo Octávio, fiel amigo do ex-presidente Fernando Collor.

A subestação de Samambaia, inaugurada ontem, foi construída em tempo recorde: 14 meses, qua-

tro a menos do que o normal. Tolentino de Carvalho, gerente-geral da Siemens, que liderou o consórcio da obra, negou que tenha havido pressão para sua conclusão em temporada eleitoral. “Se Samambaia não ficasse pronta, seria desperdiçada a energia da hidrelétrica de Serra da Mesa”, argumentou.

No Rio, impensado entre políticos do interior e candidatos capazes de qualquer loucura para se aproximar das autoridades e dos moradores que driblaram a segurança, o ministro Paulo Renato Souza não perdeu o bom humor, na festa de inauguração do metrô de Copacabana. Mas foi bem mais discreto que o colega de Minas – Energia – a ponto de fazer um discurso de menos de três minutos. Foi o suficiente, no entanto, para cumprir seu papel de alto escalão do governo federal: lembrou aos presentes que a primeira estação de Copacabana havia sido uma promessa do governo Fernando Henrique.

Parceria – Paulo Renato se disse “carioca de coração”, lembrou que a obra foi possível graças à parceria com a União, e cumpriu o governador Marcello Alencar por tê-la concluído – afinal, a obra já tem 10 anos de idas e vindas. Aplaudido, reassumiu seu posto no canto direito do palanque armado na Praça Cardeal Arcoverde. Depois, bateu palmas quando Marcello disse à população: “Que Deus nos ajude a seguir nesse caminho, ao lado do presidente Fernando Henrique Cardoso!”

O ministro da Educação ficou surpreso com a aglomeração e o aperto, mas não perdeu o bom humor. Na estação Carioca, onde pegou o trem – ao lado do governador Marcello Alencar, do candidato tucano ao governo, Luiz Paulo Correa da Rocha, e de dezenas de convidados –, Paulo Renato afastou-se sem querer da segurança e acabou sendo levado pela multidão. Finalmente, foi encaminhado à cabine do trem. Sempre tranqüilo, levou até empurrões de papagaios-de-pirata,

que queriam posar para fotos ao lado de Marcello Alencar.

Paulo Renato deixou a festa para o governador. Pouco falou, sorriu o tempo todo e muitas vezes ficou atrás do anfitrião. Questionado sobre a função dos ministros nas inaugurações que ocorrerão ao longo da campanha – das quais o presidente e qualquer outro candidato estarão proibidos de participar a partir de amanhã –, Paulo Renato desconversou: “Não há nenhuma determinação nesse sentido.”

Como todas as pessoas presentes à solenidade, o ministro suou a camisa e o terno na confusão generalizada. Depois, preferiu observar o palanque onde o governador Marcello Alencar e o ex-governador Moreira Franco se abraçavam efusivamente, pondo fim à discussão sobre quem é, afinal, o responsável pelo metrô, já que a obra começou no governo Moreira e acabou no governo Marcello.

O governador e Moreira Franco, candidato ao Senado na chapa de Luiz Paulo, aproveitaram para anunciar em panfletos distribuídos nas estações da Carioca e de Copacabana a extensão do metrô até a Barra, com a inauguração, daqui a dois anos, de uma “superestação, com shopping e estacionamento para mais de mil carros”. A proibição de fazer campanha – que vigora até o dia 6 –, pelo menos explicitamente, foi respeitada. Não havia uma faixa sequer que anunciasse qualquer candidatura. Bandeira de partido, só uma, do PT, nas mãos de um rapaz que protestava contra o governo. Galhardetes espalhados pelos postes anunciavam “mais uma obra do governo do estado”.

Cumprida a estafante tarefa, Paulo Renato deixou a festa, ao lado de Marcello. Antes de ir embora, porém, o susto final. O ministro ia começar a descer as escadas do palanque, quando ouviu um estrondo. O chão tremeu, as pessoas correram. Alarme falso. Era só um canhão que lançava papéis picotados ao povão.